

## **Migrantes Intra-Estaduais em Rondonópolis-MT (1960-1980)**

Helena Lúcia Froelich

Mestranda (UFMT) bolsista CNPq

O ato de migrar pressupõe o abandono do espaço social, econômico e cultural de origem, que por algum motivo pode estar ligado a condicionantes econômicos ou não, impulsionando o migrante a tomar tal decisão. Mas, o abandono não ocorre de forma total, pois, quem migra traz consigo as experiências e vivências que acumulou no lugar *deixado*, e que foram guardadas no espaço da memória podendo ser recordadas no lugar *chegado*. Por outro lado, migrar é ultrapassar as várias fronteiras<sup>i</sup>, realidades que envolvem condições políticas, econômicas e culturais, no decorrer da trajetória e encontrar-se com o *outro* que, por sua vez, pode acolhê-lo ou rejeitá-lo. As portas podem se abrir ou simplesmente se fechar. Mas, o sonho que move o sujeito migrante<sup>ii</sup>, normalmente, é mais forte e capaz de superar as barreiras encontradas pelo caminho e conquistar seu espaço para sua reprodução material, econômica, cultural e social, construindo/reconstruindo e estabelecendo novas relações na sociedade que o recebe. De acordo com Jones Dari Goettert<sup>iii</sup>, a migração pode ser definida por diversos sonhos, ou seja, pelo *sonho da melhoria das condições de vida. O sonho do estudo. O sonho da profissão. O sonho da terra. O sonho acordado. Acordado também no novo lugar, o sonho encontra seu território de realização. Ou não.*

Partindo desses pressupostos, este texto tem como objetivo discutir as migrações no interior da mesorregião sudeste matogrossense para, especificamente, Rondonópolis, no período de 1960-1980. Nesta perspectiva visa contribuir para o desenvolvimento da

problemática das migrações no Brasil, a partir das experiências e vivências das mulheres e homens que migraram para Rondonópolis no período. Sob este prisma, busca-se compreender as motivações que impulsionaram estas pessoas a deslocarem-se de seu lugar de origem para um novo lugar.

Para discutir os deslocamentos intra-regionais desses sujeitos sociais privilegiei a produção de fontes orais. Pois, considero o trabalho com depoimentos um caminho pertinente para o tema em questão, na medida em que é possível, através do trabalho analítico, reconhecer o sujeito, ou melhor, reconhecer o direito desse como indivíduo que tem nome e rosto, fazendo-se visível na escrita. Porém, não esquecendo que *os registros orais ou escritos são sempre representações da realidade, e jamais a apreensão do acontecido.*<sup>iv</sup> O trabalho com depoimentos permite ao historiador e historiadora dar visibilidade em sua escrita aos sujeitos sociais que participam de sua narrativa. Enfim, *a história oral, no trabalho com a população, tem possibilitado o resgate de experiências, visões de mundo, representações passadas e presentes.*<sup>v</sup>

Em geral, as pessoas que migram deslocam-se de “lugares estagnados”, sem perspectivas de vida, de sobrevivência, para lugares que prometem oportunidades de trabalho, de estudo, de acesso a terra, enfim, que possibilitam construir uma vida melhor.

Assim, também os migrantes que migraram no interior da mesorregião sudeste matogrossense<sup>vi</sup>, apostaram em Rondonópolis como o lugar de esperança para uma possível vida melhor. Rondonópolis era propagada como o lugar do progresso, de um futuro promissor. Nas palavras de Benedita Rosálio da Silva Valério<sup>vii</sup>, *lá em Guiratinga, Rondonópolis era muito falada em termos de desenvolvimento, todo mundo botava fé.* Esta fala revela a existência de propaganda sobre o lugar Rondonópolis, que influenciava as pessoas a despertar interesse pelo lugar. A propaganda que circulava construía no imaginário social dos guiratinenses uma representação positiva acerca de Rondonópolis.

Desse modo, fica visível que para o indivíduo decidir migrar, ele ou ela, passa por um processo de convencimento que se dá pela representação positiva construída sobre o outro lugar, na representação coletiva. De acordo com Abdelmalek Sayad, *as representações coletivas uma vez constituídas tornam-se realidades parcialmente autônomas.*<sup>viii</sup>

Dessa maneira, Benedita, assim como tantos outros e outras, foram se convencendo da necessidade e da importância de mudança. Rondonópolis possibilitaria a melhora de vida. Mudar para Rondonópolis significava preencher os *espaços* da baixa expectativa de futuro que vivenciavam no lugar. Significava conquistar um emprego, continuar os estudos, preparar-se para exercer uma nova profissão e tantas outras motivações se produziam, para que estes indivíduos/migrantes fossem persistentes em suas trajetórias de deslocamento e superando as dificuldades que surgiam pelo caminho.

Todavia, convém lembrar que Rondonópolis, assim como os demais municípios da mesorregião sudeste matogrossense, foi submetida a um processo de (re)ocupação, pois, este território inicialmente era povoado por povos indígenas. De acordo com Carmem Lúcia Senra Itaborahi de Moura, no século XVII, os índios Bororos somavam neste território em torno de 10.000 habitantes. Porém, no final do século XX apenas atingiam 706 habitantes. Com a chegada dos migrantes, os povos nativos, além de perderem gradativamente o domínio sobre o seu território, perderam grande parte de sua população. Foram, ainda, submetidos ao trabalho escravo e a um processo de desagregação cultural.<sup>ix</sup>

No entanto, faz-se necessário ressaltar que a (re)ocupação de Rondonópolis faz parte de um projeto nacional de integração econômica e comercial de regiões tradicionais, “estagnadas”, às regiões mais desenvolvidas. Desse modo, a partir de 1930 foi empreendida a “Marcha para o Oeste” pelo governo de Getúlio Vargas que tinha como

objetivo estimular fluxos migratórios para o Mato Grosso. Para tanto, em 1939 criou-se o Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP, a fim de divulgar as terras do Oeste brasileiro e, assim, atrair colonos para a região. Nesse período iniciou-se a concessão de terras pelo Estado para a colonização.

Mais precisamente, a partir de 1950 iniciou-se o processo de incorporação do Estado de Mato Grosso, área considerada periférica, aos interesses, principalmente econômicos e políticos, ao Sudeste brasileiro. Assim, migrantes desta região e do Nordeste são impulsionados para a abertura das fronteiras agrícolas no Sul, Leste e Centro Oeste do Estado de Mato Grosso.

Neste processo de (re)ocupação, a construção de Brasília, nas décadas de 50 e 60, também favoreceu o crescimento de Mato Grosso. As diversas estradas que foram construídas em apoio à Capital Federal, contribuíram para viabilizar o desenvolvimento nas regiões ainda “estagnadas” ou, até mesmo, “inexploradas”.

Segundo Advair Mendes Silva, foi na década de 70 que se consolidou o processo de ocupação do Mato Grosso, o qual havia iniciado em 1930. Convém ressaltar que durante a década de 50, o governo do Estado fez contratos com diversas empresas privadas, principalmente do Sudeste do país, a fim de promover o povoamento da região norte mato-grossense. Estas empresas de colonização buscaram atrair, essencialmente, produtores do Sul e Sudeste.

Essencialmente, a partir de 1971, o INCRA iniciou uma política de transferência da colonização para o setor privado, delegando-lhe direitos somente para a valorização de áreas prioritárias à reforma agrária. Em 1972 o INCRA concedeu à iniciativa privada o direito de desenvolver projetos agropecuários de pequeno porte na Amazônia, a fim de atrair, fundamentalmente, pequenos e médios proprietários.

Dessa forma, a região norte mato-grossense passa a ser incorporada aos espaços produtivos. Para a efetivação de tal processo, os eixos rodoviários BR 070, BR 080, BR 163 e BR 364, tiveram fundamental importância. Porém, para a região de Rondonópolis a BR 163 e BR 364 exerceram um papel essencial, uma vez que permitiram a sua ligação com Cuiabá e com o Sul e o Norte do Estado. Desse modo é possível perceber que estas rodovias contribuíram, em grande medida, para a intensificação da migração para Mato Grosso e simultaneamente para Rondonópolis.

Rondonópolis está situado na porção Sul do Estado e representa um ponto estratégico pelo encontro de várias vias de penetração, que possibilitam a interligação das áreas circunvizinhas, assim como também com os grandes centros industrializados.

Já em 1902 chegaram em Rondonópolis os primeiros migrantes, os goianos. Porém, este processo de (re)ocupação teve maior impulso no final da década de 40, quando foi fomentada uma política pública de colonização. Esta, contudo, não foi muito bem sucedida, pois, não foi acompanhada de um plano de sustentação política e econômica mais aprofundada para o pequeno produtor sobreviver.<sup>x</sup>

Mas, a partir de 1960, em Rondonópolis, a terra que antes era doada passou a ser vendida. Assim, passou a predominar a mercantilização na forma de apropriação da terra. A frente pioneira já havia começado a avançar sobre a frente de expansão desarticulando a pequena produção em favor da produção em larga escala. Em Rondonópolis, até então, grande número de pequenos proprietários rurais, além da criação de gado produziam arroz, milho, feijão, amendoim e algodão. Mas, gradativamente, o algodão e o arroz e depois a soja começaram a ser produzidos em larga escala. Dessa forma, acelerou-se o processo de urbanização, condição geral de produção e reprodução capitalista no campo. Com o contínuo e expressivo crescimento econômico, a partir dos anos 1970, teve início o processo de industrialização do campo com a introdução de máquinas, equipamentos,

insumos em geral, enfim, uma nova tecnologia comandada pelo capital monopolista, sobre as atividades do campo e a produção agroindustrial.<sup>xi</sup>

Portanto, a (re)ocupação de Rondonópolis envolve fluxos migratórios dos mais diferentes lugares, mas, também, do próprio Mato Grosso, mais especificamente, da mesorregião sudeste mato-grossense. Desse modo, percebe-se que há uma multiplicidade de práticas interagindo entre si na composição do tecido social dessa sociedade.

Assim, também acreditaram e decidiram fazer sua vida, construir seu espaço em Rondonópolis, Valdemar Francisco Douraldo<sup>xii</sup>, de 69 anos, Ana Cândida Santana<sup>xiii</sup>, 90 anos, Daria Gomes Santana<sup>xiv</sup>, 62 anos, Maria Santana Rego<sup>xv</sup>, 60 anos e Benedita Rosálio da Silva Valério, 54 anos. Mulheres e homens que migraram para Rondonópolis, cada qual, buscando no novo lugar algo que não encontrava no lugar que deixava para trás.

Valdemar, filho de baianos, natural de Guiratinga, disse que sua família decidiu mudar para Rondonópolis, pois o lugar tinha a fama de “lugar do progresso”. Ele e seus irmãos pretendiam continuar os estudos e desenvolver atividades comerciais. Guiratinga era “muito parada”, não tinha perspectivas de desenvolvimento. Assim, Rondonópolis surgiu como o lugar da esperança.

A história de Ana começou na Bahia. Já em 1931, Ana e sua família migraram para Goiás em busca de terra. Sem sucesso seguiram para Poxoréu - MT e depois para Rondonópolis. Ana, na medida que recordava a sua experiência migratória, revelou em suas palavras que jamais pretendia deixar a Bahia. Mas, para não se separar da família, não sobrou outra alternativa do que acompanhá-los. O sonho da família unida fez com que Ana deixasse a Bahia seguindo o marido, o pai, os irmãos, os tios, que iam ao encontro de terra. Em Poxoréu, Ana novamente resistiu migrar para um outro lugar. Mas,

quando os filhos aos poucos foram se mudando para Rondonópolis, ela decidiu também acompanhá-los. Todos mudaram em busca de estudo e trabalho e Ana não tinha este sonho, mas acompanhou-os em nome da unidade familiar.

Porém, Daria, filha de Ana, natural de Poxoréu, foi movida pelo sonho do estudo para si e para seus filhos. Mudou-se para Rondonópolis em 1968, onde realizou o seu sonho de se formar professora, mas perdeu o sonho da unidade familiar, pois, este sonho custou-lhe a separação matrimonial.

Maria, natural de Poxoréu e os pais naturais da Bahia, mudou-se para Rondonópolis ainda criança, em 1962. Em seu depoimento frisou que a preocupação dos pais era escola para os filhos. Além disso, Poxoréu “não desenvolvia”, não tinha perspectivas de trabalho. E a terra que a família havia conseguido era insuficiente para possibilitar a sobrevivência de todas e todos.

Benedita, natural de Alto Araguaia, também tem raízes baianas. É neta de baianos. Os pais são mato-grossenses: pai, cuiabano, e, mãe, guiratinense. Benedita nasceu em Alto Araguaia, mas viveu a maior parte de sua infância e parte de sua juventude em Guiratinga. Em 1970, decidiu mudar para Rondonópolis em companhia de uma família amiga. Buscava trabalho e continuidade nos estudos. Em seu depoimento revelou as enormes dificuldades que vivenciou no lugar chegado dizendo: *gastei sola de sapato procurando emprego. Acabei trabalhando no início numa casa noturna lavando vasilha da galinhada da noite anterior. Passei fome, mas sobrevivi e venci.* Benedita também realizou o sonho de se formar professora.

Assim, as falas de mulheres e homens da migração, fragmentos das entrevistas realizadas com estes sujeitos sociais, indicam possibilidades de ler, através destes indivíduos/migrantes, como vivenciaram uma história de lutas, vitórias, derrotas,

sofrimentos, um conjunto de emoções na sua experiência de vida nos lugares por onde passaram.

### Notas

---

<sup>i</sup> Ver artigo, FURINI, Alice Tercília Alves; FROELICH, Helena Lúcia. **Fronteiras e Populações Uma Abordagem Historiográfica**. In: Coletâneas do Nosso Tempo. Departamento de História de Rondonópolis. Instituto de Ciências Humanas e Sociais – UFMT, 2003.

<sup>ii</sup> Sujeito migrante, sujeito histórico e agente social referem-se aos homens e mulheres que nasceram em municípios pertencentes a mesorregião sudeste matogrossense e migraram para Rondonópolis no período de 1960 a 1980.

<sup>iii</sup> GOETTERT, Jones Dari. **O espaço e o vento: olhares da migração gaúcha para Mato Grosso de quem partiu e de quem ficou**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista Faculdade de Ciências e Tecnologia – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Presidente Prudente – Sp, 2004, p.112.

<sup>iv</sup> MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e interdisciplinariedade. A invenção do olhar**. In: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von (org). Os desafios contemporâneos da História oral. –1996. Campinas: UNICAMP, 1997, p. 208.

<sup>v</sup> MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e Memória: a cultura popular revisitada**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 194, p. 26-27.

<sup>vi</sup> A mesorregião matogrossense em foco, está atualmente formada pelos seguintes municípios: Dom Aquino, Itiquira, Jaciara, Pedra Preta, Rondonópolis, São José do Povo, Campo Verde, Primavera do Leste, Araguainha, General Carneiro, Guiratinga, Ponte Branca, Torixoréu, Tesouro Poxoréu, Ribeirãozinho, Alto Araguaia, Alto Garças e Alto Taquari.

<sup>vii</sup> Benedita Rosálio Valério, 54 anos, natural de Alto Araguaia, atualmente moradora no bairro La Salle – Rondonópolis-MT. Entrevista cedida em 10/02/2005.

<sup>viii</sup> SAYAD Abdelmalek. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998, p.57

<sup>ix</sup> Sobre o processo violento em relação aos bororos com a chegada dos migrantes consultar RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização**. São Paulo, Círculo do Livro, 1986; SUZUKI, Júlio Cezar. **De Povoado a Cidade: A Transição do Rural ao Urbano em Rondonópolis. Dissertação de Mestrado**. São Paulo: UNESP, 1996; NASCIMENTO Flávio Antônio da Silva. **A Aceleração Temporal na Fronteira Agrícola: o caso de Rondonópolis-MT**. Tese de Doutorado. São Paulo: 1997, entre outros.

<sup>x</sup>SERRA, Elaine de Arruda. **O Êxodo Rural das Colônias na Formação do Distrito da Vila Operária “São José” – 1950/70**. Monografia de Especialização em História de Mato Grosso: Rondonópolis-MT: IHCS/CUR/UFMT, p24.

<sup>xi</sup> SUZUKI, Júlio Cezar. **De Povoado a Cidade: A Transição do Rural ao Urbano em Rondonópolis**.Dissertação de Mestrado. São Paulo: UNESP, 1996.

<sup>xii</sup> Valdemar Francisco Douraldo, 69 anos, natural de Guiratinga, atualmente morador no bairro Parque Universitário. Entrevista cedida em 22/11/2004.

<sup>xiii</sup> Ana Cândida Santana. 90 anos, natural da Bahia, atualmente moradora no bairro Birigui, Rondonópolis-MT. Entrevista cedida em 10/02/2005.

<sup>xiv</sup> Daria Gomes Santana, 62 anos, natural de Poxoréu-MT, atualmente moradora no bairro Birigui em Rondonópolis-MT. Entrevista cedida em 10/02/2005.

<sup>xv</sup> Maria Santana Rego, 60 anos, natural de Poxoréu-MT, atualmente moradora no bairro Novo Horizonte-Rondonópolis-MT. Entrevista cedida em 10/02/2005.